

A Feira Livre e a dinâmica sócio-espacial de Três Lagoas: horizontalidades e verticalidades

Open street market and the social-spatial dynamics of Tres Lagoas: horizontalities and verticalities

FALCO, Fernando Carmona de Moraes*

<https://orcid.org/0000-0001-5657-9638> 

SANTOS, Thiago Araujo**

<http://orcid.org/0000-0002-1305-0301> 

RESUMO: A Feira Livre de Três Lagoas tem uma história que se confunde com o processo de formação e desenvolvimento deste município. Isso nos leva a analisá-la a partir das relações entre sua dinâmica interna e processos sociais mais amplos – seja de caráter histórico, referentes ao município em questão, seja relacionados à produção do espaço urbano na contemporaneidade, de modo geral. Neste estudo foram adotados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento e análise de notícias e reportagens sobre a Feira Livre de Três Lagoas, aplicação de questionários com feirantes e fregueses e realização de observação direta em reuniões e no espaço de comercialização. A investigação realizada identificou a coexistência contraditória de uma dupla determinação: (1) a Feira como realidade atravessada por iniciativas e projetos hegemônicos, mediados pelo Estado, que possuem um caráter vertical, pautados pela normatização, padronização e controle dos espaços de comercialização; (2) a Feira como espaço de realização coletiva, horizontal – como um produto cultural, social e político, aberto à espontaneidade.

PALAVRAS-CHAVE

Feira Livre; horizontalidades; verticalidades; produção cultural.

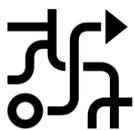
ABSTRACT: The history of Tres Lagoas' open street market is profoundly associated with the process of development of this city. This feature it has been taking us to analyze the relations between its inner dynamics and broader social processes, as historical character related to Tres Lagoas as well the production of its urban space in the contemporaneity as whole. Our empirical study was performed by research of news on the Tres Lagoas' open street market, questionnaires' application to street market vendors and consumers and realization of direct observation in meetings and in the commercial space. We identified a contradictory coexistence of a double determination: (1) the open street market as a reality crossed by hegemonic actions and projects mediated by State, which express a vertical character guided by legislation, standardization and control of commercial spaces; (2) the open street market as a reality of collective and horizontal fruition, a political, social and cultural product opened to spontaneity.

KEYWORDS

Open street market; horizontality; verticality; cultural production.

* Graduando no curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: nandocmfalco@gmail.com

** Professor Doutor, do curso de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: thiagosantos.ufms@gmail.com



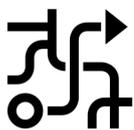
INTRODUÇÃO

O município de Três Lagoas está localizado na margem esquerda (oeste) do Rio Paraná, e se encontra na divisa do estado do Mato Grosso do Sul (MS) com o estado de São Paulo (SP). Sua formação é marcada diretamente pelo processo de desenvolvimento do estado vizinho (São Paulo) principalmente no período de descentralização industrial ocorrida na segunda metade do século XX (RIBEIRO-SILVA, 2013; KUDLAVICZ, 2011).

Analisamos, neste artigo, a Feira Livre de Três Lagoas-MS, tradicional espaço público de comercialização cuja história encontra forte relação com a dinâmica sócio-espacial do município. A noção de dinâmica sócio-espacial serve-nos como fundamento teórico da análise por abarcar, a um só tempo, o espaço, a sociedade e as relações complexas que materializam e dão sentido às transformações ocorridas (SOUZA, 2013). O pressuposto assumido é o de que a Feira Livre, ainda que possua uma dinâmica interna própria, não deve ser considerada isoladamente, como uma realidade independente dos processos sociais mais amplos que a circundam.

Considerar, pois, as relações entre a Feira, como espaço de comercialização, e a dinâmica mais ampla do município, a nosso ver, é um meio de compreender as transformações urbanas de Três Lagoas. Esta consideração, por sua vez, fundamenta-se no reconhecimento de que o próprio município é produzido socialmente em meio à multiescalaridade do capital e do Estado, articulando processos mais amplos, em distintos momentos, resultando da ação de diversos agentes econômicos e classes sociais, e que conduz uma articulação dialética entre o local e o regional/nacional/global.

Localmente, na realidade estudada, a urbanização, constituindo-se enquanto condição para novos processos multiescalares, acompanha a instalação dos fixos e fluxos no território, ao longo do século XX. Vias de circulação, estrada de ferro, ponte, edificações, resultam das dinâmicas econômicas passadas, sendo passíveis de ressignificação futura, adquirindo novas funções, respondendo a novas demandas e necessidades. Neste cenário, cruzando a história da cidade de Três Lagoas – evidenciando diversos momentos do acontecer urbano do município – a Feira Livre é (re)criada e (re)produzida em meio a intencionalidades que expressam, por um lado, o esforço vertical de ordenamento dos espaços públicos, por parte do Estado, e a constante resistência social, coletiva, horizontal, por parte dos fregueses e feirantes que a produzem.



A análise dessa dupla determinação – verticalidade e horizontalidade – que configura a Feira Livre e a relaciona dialeticamente com a realidade sócio-espacial que a circunda, foi feita em duas partes. Na primeira, apresentamos um breve histórico da Feira Livre de Três Lagoas, indicando transformações ocorridas e suas relações com o Estado e com a dinâmica econômica do município, em distintos momentos. Na segunda parte, evidenciamos o caráter horizontal da Feira Livre, isto é, as marcas de sua existência como um produto cultural, social e político – e, neste sentido, como um espaço público potencial de resistência. Para esta reflexão, fundamentamo-nos em levantamento e análise de notícias e reportagens sobre a realidade estudada, trabalhos de campo realizados em reuniões/assembleias e nos diversos dias de feira, entre 2018 e 2019, e aplicação de questionários junto a feirantes e fregueses da Feira Livre que é realizada aos sábados, na avenida Rosário Congro, Três Lagoas.

A FEIRA LIVRE DE TRÊS LAGOAS E AS VERTICALIDADES DO ORDENAMENTO URBANO

As Feiras Livres ou Mercados Municipais sempre foram de importância para os centros urbanos no decorrer da história humana. Por meio deles, as relações de troca de mercadorias foram possíveis, viabilizando o desenvolvimento das cidades e as aglomerações de pessoas. A função dos mercados de rua, enquanto espaços de troca, é algo que já se destacava nas cidades antigas (BRAUDEL, 2009; HUBERMAN, 1984), tendo grande relevância para o abastecimento da população citadina, tanto com gêneros alimentícios, quanto com matérias-primas diversas (PINTAUDI, 2006).

Esses espaços, as “praças de mercado” e feiras, ganham grande importância nesse processo de urbanização das cidades industriais, servindo enquanto locais de encontro, de negócio e de política, passando a ser organizados pelo poder público, responsável pelo ordenamento urbano (LEFEBVRE, 2001). Esses mercados, portanto, estão diretamente ligados ao processo de desenvolvimento das cidades, acompanhando e sendo reconfigurados pela complexificação do modo de vida urbano. Essa forma de comércio se consolida como produto urbano, sendo marcante sua função pública e seu valor cultural, cabendo ao poder Estatal a responsabilidade de criar condições e viabilizar meios para realização das atividades que o constituem.



A Feira Livre de Três Lagoas expressa a combinação entre a função pública e a de acúmulo de valor cultural, ao longo de sua história. Já nas primeiras décadas do Século XX, em direta vinculação com a formação do município, a Feira ocupava as proximidades da antiga estação ferroviária da estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB), paralela à antiga Praça da Estação (Foto 1). Naquele período, as mercadorias eram dispostas nas calçadas, abastecendo uma população que residia nas imediações da estação, sendo este o primeiro núcleo de ocupação da cidade.

Após esse período, já na década de 1950, com a chegada de novos trabalhadores ligados à construção da Usina Hidrelétrica de Jupuíá (Engenheiro Souza Dias), ocorre a construção do primeiro galpão para abrigar esse tipo de comercialização, espaço então denominado “Feira Livre de Três Lagoas - Mercado Municipal Administração Leal de Queiróz” (1952) (Foto 2). Este viria a ser reformado após a década de 1960 (Foto 3), passando a ser chamado “Mercado Municipal de Três Lagoas - Administração Dr. Leal de Queiróz” (1961). Este galpão se localizava na rua João Carrato, onde hoje se encontram um estabelecimento comercial e uma creche.

Já no início da década de 1970, um novo galpão era construído para abrigar a Feira, tendo em vista que o antigo já não mais supria a demanda por abastecimento de alimentos para a população e a quantidade de comerciantes. Buscando-se solucionar o problema é fundado o “Mercado Municipal Vereador Gentil Rodrigues Montalvão” (Foto 4), localizado na Av. Filinto Muller, ao lado da Lagoa Maior, local hoje conhecido como Mercado.

A construção desses galpões para abrigar as atividades que constituíam a Feira Livre vem acompanhada de Regulamentos de Funcionamento e códigos de postura. Essas normas serviam como referência para organizar e padronizar os produtos a serem comercializados, definindo-se os meios para adquirir as “pedras” para comercializar (licença paga para que seja permitida a venda dos produtos), o tamanho das barracas para exposição das mercadorias, além de ordenarem os setores para a venda, com o objetivo de tornar higiênico e mais agradável para os fregueses (DA-SILVA, 2008).

A reorganização do espaço de comercialização da Feira, alinhada a um ideário de higienização, vigente no período, relacionava-se também ao processo de industrialização que constituía novos padrões de organização social, dentre os quais a homogeneização das relações de comercialização (FREITAS, 2006). Com efeito, este reordenamento do espaço de comercialização da Feira Livre responde a uma tendência de “união vertical dos lugares”, união esta que possui “vetores de modernização entrópicos”:

Eles trazem desordem aos subespaços em que se instalam e a ordem que criam é em seu próprio benefício. E a união vertical – seria melhor falar de unificação – está sempre sendo posta em jogo e não sobrevive senão à custa de normas rígidas (SANTOS, 2014, p. 287).

Identificando os impactos locais, resultantes das tendências de normatização, Serpa (2017) relaciona as políticas de revitalização, melhoramento, (re)valorização de espaços públicos em diferentes centros urbanos com a limitação do acesso dos cidadãos que possuem um poder aquisitivo menor, resultado dos novos padrões arquitetônicos e público alvo proposto pelos elaboradores destes novos projetos. O encarecimento dos produtos e as mudanças das características que antes marcavam os espaços de comercialização acabam, assim, por instaurar um novo padrão, informado por uma ideologia de base modernista e higienista.



Foto 1: Feira Livre de Três Lagoas da Rua Paranaíba (1934). **Fonte:** Material cedido pela Prefeitura Municipal de Três Lagoas.



Foto 2: Feira Livre de Três Lagoas - Mercado Municipal Administração Leal de Queiróz (1952). **Fonte:** Da-Silva (2008, p. 26).

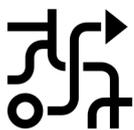


Foto 4: Mercado Municipal de Três Lagoas "Administração Dr. Leal de Queiróz" (1961). **Fonte:** Da-Silva (2008, p.28).



Foto 4: Mercado Municipal Vereador Gentil Rodrigues Montalvão (Mercadão) (Década de 1970). **Fonte:** Da-Silva (2008, p.28).

Com o fim da construção da Usina Hidrelétrica de Jupia, em 1974, o Mercadão entra em declínio, uma vez que o poder aquisitivo dos moradores diminuiu, resultado da retração



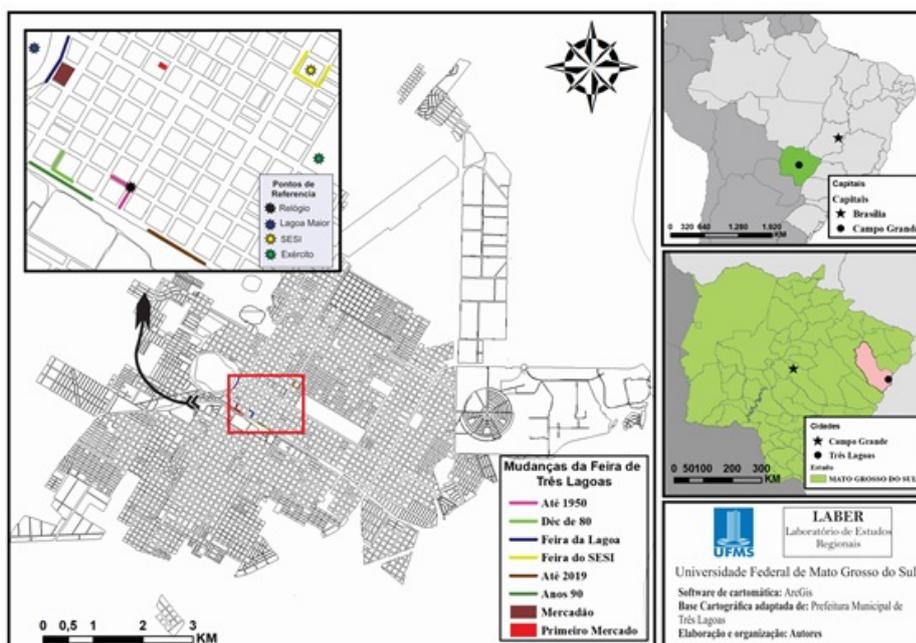
na oferta de empregos. Da-Silva (2008) aponta que nesse espaço os boxes poderiam ser adquiridos através de compra, o que garantia aos comerciantes com maior poder aquisitivo mais espaço e bancas mais ampliadas. Esse processo teve como resultado a monopolização desse espaço por parte de alguns comerciantes mais abastados, fruto de uma concorrência desigual com os pequenos feirantes, restando a estes condicionarem-se ao pagamento do aluguel. Essa concentração teve como efeito o controle dos preços e conseqüentemente o encarecimento desses produtos.

As decorrências das imposições verticalizantes – que implicaram no “enobrecimento” do Mercado pelo encarecimento dos produtos – motivaram o retorno da Feira para a rua, atendendo a uma demanda popular, na década de 1980 (DA-SILVA, 2008). Após o retorno para a rua, inicialmente, a Feira foi sediada na Av. Rosário Congro, entre a Av. Antônio Trajano dos Santos e Av. Filinto Muller, permanecendo no local durante alguns anos.

No segundo momento, ela foi realizada nas laterais do antigo colégio do SESI, localizado na Av. Antônio Trajano dos Santos, em frente à casa do antigo prefeito Miguel Tabox, saindo então deste local quando ele se elege, em 1989. Em seguida, após a realização no SESI, a Feira passa a ser localizada na circular da Lagoa Maior, próximo ao antigo Mercado, local onde permanece por aproximadamente dois anos, até ser deslocada novamente devido à falta de estacionamento.

Ainda na década de 1990, a Feira retorna para a Av. Rosário Congro, em frente ao antigo Camelódromo. Ela permanece no local até 2006, quando passa a ser realizada onde está atualmente (2019), isto é, na Av. Rosário Congro. A demanda popular pela oferta de alimentos com preços acessíveis, associada à busca pela constituição de um espaço público de comercialização, na rua, expressa o desencontro entre os interesses locais e as iniciativas verticalizantes do Estado. Isso sugere a existência de um movimento, ainda que limitado, pelo “refortalecimento horizontal”, nos termos de Milton Santos (2014), que ocorre na medida em que nos lugares são empreendidas “ações localmente constituídas, [produzindo] uma base de vida que amplie a coesão da sociedade civil, a serviço do interesse coletivo” (SANTOS, 2014, p. 287).

A sucessão de mudanças de localização da Feira Livre de Três Lagoas (Mapa 1), e as transformações dos padrões que isto implica, evidenciam a incidência do poder público no ordenamento urbano, refuncionalizando os espaços e adequando-os, continuamente, a interesses que nem sempre respondem às demandas concretas da população local.



Mapa 1 – Locais de realização da Feira Livre de Três Lagoas (1950-2019)

Em Julho de 2018, foi oficialmente apresentado pela Prefeitura de Três Lagoas um novo projeto de mudança da Feira Livre, que integra um conjunto de obras então orçadas em 70 milhões de reais. Uma das ações previstas é o “projeto executivo – Feira Livre”, que objetiva construir, ao lado de onde a feira é realizada atualmente, próximo à antiga estação ferroviária da NOB, um galpão com mais de 12 mil metros quadrados, com cobertura, estacionamento com 130 vagas, palco para apresentações culturais e 108 boxes para exposição das mercadorias (TRÊS LAGOAS, 2018).

Em apresentação do projeto aos feirantes (Foto 5), na qual um dos autores deste artigo realizou observação direta, realizada após a Feira de Sábado, em 25 de Agosto de 2018, o prefeito Ângelo Guerreiro, acompanhado pelo secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, José Aparecido Moraes e o diretor de Infraestrutura, Adriano Barreto, argumentaram que a “revitalização da feira”, cujas obras encontram-se em andamento (Foto 6), trará mais conforto aos clientes e atenderá a necessidades dos feirantes (Trabalho de Campo, 2018).



Foto 5 – Reunião entre autoridades da Prefeitura de Três Lagoas e feirantes para apresentação do “Projeto Executivo - Feira Livre” (2018). Fonte: Três Lagoas (2018).

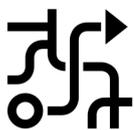


Foto 6 – Início das obras de construção do galpão para a nova instalação da Feira Livre (2019). Fonte: Três Lagoas (2019).

Diante das importantes implicações que o novo projeto seguramente trará para a dinâmica da Feira, buscamos avaliar, por meio de aplicação de questionários, a percepção dos feirantes sobre a construção do galpão. As respostas que obtivemos apontam, inicialmente, para uma significativa desconfiança quanto aos efeitos da mudança para um novo espaço, apesar de uma sinalização positiva por parte da maioria dos entrevistados. Dentre os 69 feirantes que consultamos, 39 (57%) consideram “positiva” a perspectiva de mudança de local, 24 (35%) a entendem como “negativa”, três (4%) não souberam responder e três (4%) não opinaram.

A qualificação negativa em relação à mudança foi justificada, por parte dos entrevistados, pela incerteza em relação ao horário de realização da feira, regras de funcionamento e, sobretudo, o valor a ser pago pelo aluguel das barracas. Também foram mencionadas “experiências negativas” com mudanças deste tipo ocorridas em outras cidades em que esses feirantes atuam, além de ter sido citado também, por um dos entrevistados, o declínio do próprio Mercado, já discutido no presente artigo.

Buscamos ainda, por meio de questionários aplicados com fregueses da Feira, avaliar sua expectativa quanto à construção do galpão. Cabe destacar, em primeiro lugar, que existe ciência de parte significativa dos clientes da feira em relação à perspectiva de construção de um galpão para abrigar a Feira Livre. Este projeto é de conhecimento de 57 (70%) dos 81 fregueses entrevistados, enquanto 23 (28%) afirmaram não saber que a feira será deslocada para um galpão fechado e apenas 1 (2%) não respondeu a questão. Quando questionados sobre o que achavam da perspectiva de mudança, 60 (74%) a consideram positiva, alegando diferentes motivos, como a “proteção contra o mal tempo”, “higiene”, ser “melhor para o comerciante” e “pela segurança”.



Dentre os 81 entrevistados, apenas 6 (7%) consideram a mudança de local e a construção do galpão negativa, alegando como justificativa que “a feira na rua é cultural”, “que feira livre é na rua”. Além destes, 6 (7%) fregueses afirmaram que “talvez seja positivo”, justificando que “não sabem como o galpão será organizado” ou que preferiam, antes de responder, “saber a opinião dos feirantes”. Nove fregueses optaram por não responder à pergunta.

Os dados apresentados demonstram, de modo geral, a predominância de uma expectativa positiva em relação à mudança de local entre os fregueses e feirantes entrevistados. Em decorrência das transformações em curso, dentre os desafios que se apresentam para a administração pública municipal, feirantes e fregueses, a nosso ver, destacam-se: (1) garantir a permanência de oferta de alimentos e produtos baratos para os clientes; (2) permitir aos feirantes uma estrutura adequada e confortável de trabalho, que ofereça conforto para pessoas de diferentes idades que, atualmente, compõem a feira; (3) valorizar, de modo incisivo, o caráter cultural e público da Feira Livre, buscando formas de compensação da espontaneidade perdida que a saída do espaço da rua resultará (incentivo à realização de eventos culturais, valorização da presença coletiva no novo espaço da Feira, etc.) e, por fim, (4) criar meios para evitar o “enobrecimento” da Feira Livre, tanto pelo encarecimento do preço da “pedra”, quanto pelo aumento no preço dos produtos, já que este pode ser um fator determinante para um novo declínio desse espaço de comercialização.

A POTÊNCIA COLETIVA E A HORIZONTALIDADE DA FEIRA LIVRE DE TRÊS LAGOAS

A Feira na rua, necessariamente, altera a ordem – ainda que temporariamente. A mudança no fluxo, definida pela interrupção do trânsito de automóveis e a substituição pelo movimento de pessoas, torna a rua um espaço distintamente dinâmico, mais “vivo”, aberto às possibilidades trazidas pelo encontro, pela conversa.

A produção da Feira enquanto ambiente de encontro no espaço público dá relevo a um dos elementos constitutivos da cidade, segundo Monte-Mór (2006): a festa cultural, instituindo um locus “legitimado como obra e regido pelo valor de uso coletivo” (MONTE-MÓR, 2006, p. 9). Esta condição, como assevera o autor, encontra-se certamente ameaçada pela lógica industrial capitalista, que subordina o sentido coletivo da cidade às imposições do capital que se generaliza. Contudo, por suas características e dinamismo, a Feira Livre,

enquanto espaço público de comercialização, carrega elementos simbólicos e um apelo de uso comum do espaço que, nos interstícios do poder hegemônico do capital e do Estado, expressa um sentido de resistência.

A função de abastecimento urbano da Feira Livre de Três Lagoas se constitui um primeiro aspecto fundamental a ser destacado para qualificar esse espaço de comercialização. Dos 81 fregueses, com os quais foram aplicados questionários em nossa pesquisa, 79 (98%) residem na cidade, um não respondeu e apenas um afirmou residir no campo. Estes fregueses consomem, prioritariamente, hortifrútis, e secundariamente comidas prontas, temperos, pescados, carnes (açougue) e, em menor quantidade, artesanatos (Gráfico 1).

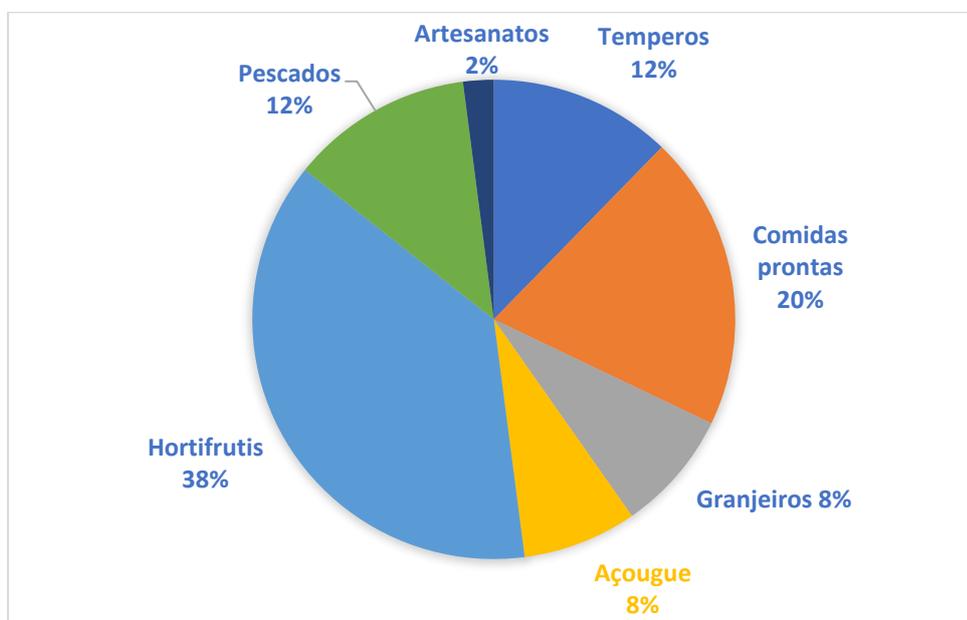


Gráfico 1 – Feira Livre de Três Lagoas – produtos consumidos pelos fregueses (2019). Org.: Autores (2019).

A função de abastecimento urbano possui, aqui, uma particularidade: a potencial constituição de elos pessoalizados entre sujeitos socialmente distintos, contribuindo para a superação da distância entre os fregueses e o processo de produção dos alimentos consumidos, como é comum nos supermercados. Este dado se evidencia na realidade estudada na medida em que, entre os 69 feirantes pesquisados, 48 (70%) são também produtores (camponeses), constituindo a Feira como um meio de renda e socialização com a população citadina.

A conexão destacada entre produção, distribuição e consumo, permitida pela Feira, carrega um importante potencial horizontalizante (SANTOS, 2014). Considerando que a



dependência aos atravessadores se constitui um tradicional entrave para a obtenção de uma renda familiar satisfatória, pois aprisiona o camponês a uma relação intermediada com o mercado, a possibilidade da comercialização direta permite a esses sujeitos a apropriação da renda da terra incorporada nos alimentos produzidos, suprindo-os com uma melhor condição econômica para viverem no campo.

Um segundo aspecto de destaque, como elemento qualificador da Feira, é o tipo de frequência por parte dos fregueses. A feira estudada tem público marcadamente constante, uma vez que, dentre os 81 entrevistados, 79 (98%) deles disseram frequentar a Feira regularmente e apenas dois afirmaram frequentar “às vezes”. A caracterização do perfil etário dos fregueses indica que a maior parte deles possui idade superior a 50 anos. Deste público, 59 (73%) frequentam a feira há mais de 10 anos, abrindo possibilidades para a constituição de um vínculo denso na relação entre fregueses e feirantes. Esta possibilidade parece-nos concreta quando constatamos que dentre os fregueses entrevistados apenas um qualificou a relação estabelecida com os feirantes como “regular”, enquanto os demais afirmaram que essa relação seria “boa” ou “ótima”.

Os mesmos resultados são observados quando os fregueses são perguntados se consideram a Feira Livre importante: um afirmou não considerar importante e 80 disseram que a feira era importante, seja “por ser um lugar de encontro de conhecidos e amigos”, seja “pela qualidade e pelo frescor dos produtos” ou devido à “importância cultural”.

As relações de trabalho que subjazem a realização da Feira também merecem destaque. Dentre as 69 barracas estudadas, foram identificados um total de 77 funcionários que não possuem laços familiares com membros da feira, o que sugere que a Feira possui uma relevância social e econômica pela oferta de empregos que possibilita. Entretanto, por meio da pesquisa realizada, constatou-se a presença de 113 trabalhadores com algum vínculo familiar com feirantes. Isto demonstra que, de modo distinto dos mercados privados, este local é perpassado por relações sociais mais densas entre aqueles que o constituem, o que cria meios para a socialização no trabalho, de troca de experiências e saberes, sobretudo entre os mais velhos e os mais jovens, fortalecendo um sentido cultural associado ao “ser feirante”.

A aglomeração de pessoas na rua, entre as barracas, nos momentos de realização da Feira Livre, abre a possibilidade de um encontro ampliado com pessoas de distintos estratos e classes sociais que habitam a cidade, sendo este também um aspecto de relevo a ser destacado. A convergência possibilitada pela dinâmica da Feira converte este espaço num locus apropriado para eventos culturais e políticos – espontâneos ou não – que ocorrem com

certa eventualidade. Abaixo são destacadas algumas manchetes e notícias levantadas em nossa investigação, que foram publicadas em veículos locais de comunicação Três Lagoas:

- “Feira Livre será palco para espetáculo em comemoração ao Dia da Consciência Negra” (SIMON, 2019);
- “Protesto em Três Lagoas termina com vaias em feira livre da cidade” (EVELYN SOUZA, 2013).
- “Grupo faz protesto contra a Reforma da Previdência em Três Lagoas-MS” (...) “O grupo se reuniu em frente à Igreja Matriz, de onde saiu a passeata. Os manifestantes caminharam pela avenida Antônio Trajano até a antiga Estação Ferroviária e na feira livre. Produtores rurais também apoiaram a manifestação” (AXELSON, 2017).



Foto 7 – “Ação literária” - venda e empréstimos de livros, em comemoração dos 20 anos da Editora Expressão Popular – Três Lagoas (MS). Fonte: Autores (2019).



Foto 8 – Apresentação musical em palco montado na Feira livre (2019) – Três Lagoas (MS). Fonte: Autores, 2019.



Foto 9 - “Café Camponês Literário” – Roda de conversa sobre Agroecologia promovida pelo Projeto de Extensão Universidade Necessária e Núcleo de Estudo em Agroecologia e Produção Orgânica do Bolsão (NEA)/UFMS – Três Lagoas (MS) (2019). Fonte: Autores, 2019.

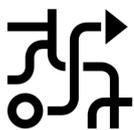


Foto 10 – Fregueses e feirantes em dia de Feira Livre – Três Lagoas (MS). Fonte: Autores, 2019.

Apresentações musicais, teatrais, manifestações e protestos políticos (de distintos matizes ideológicos), panfletagens e coleta de assinaturas são algumas das formas em que se expressa, por meio da Feira Livre, um sentido público desse espaço de comercialização. O conteúdo deste movimento de “politização do espaço urbano”, que encontra na Feira um meio para sua realização, evidencia a condição contraditória de uma cidade produzida sob a hegemonia do capital. Por um lado, a competição, enquanto fundamento do “modo capitalista de pensar” (MARTINS, 1978), atravessa a cidade por meio dos fluxos de mercadorias e capitais, subsumindo as relações sociais aos nexos basicamente econômicos. Por outro lado, limitadamente, nas brechas, se desenham traços de solidariedade/cooperação que emergem a partir do encontro – este, um meio potencial para a produção da coesão social necessária a qualquer projeto emancipatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade de Três Lagoas tem sua história forjada pela ação de diversos agentes econômicos e classes sociais que imprimem, em seu conteúdo, suas marcas. A Feira Livre constitui, ao longo dessa história, a materialização de contradições geradas nesse processo, abrigando e sendo permeada por interesses divergentes e ações que a situam como expressão de processos sociais mais amplos que seus próprios limites imediatos.



Por um lado, a análise realizada identificou um conjunto de elementos que apontam para a predominância de imposições hegemônicas, verticais, fundamentadas no poder do Estado, voltadas ao controle e ordenamento urbano. A busca pela adequação e normatização dos espaços de comercialização constituem-se, aqui, uma ação recorrente.

As diferentes iniciativas do poder público local em prol da retirada da Feira Livre das ruas de Três Lagoas respondem historicamente, como vimos, a tais princípios, resultando – em meados dos anos 1970 – no encarecimento dos produtos e dos preços pagos para a comercialização, limitando o acesso a uma clientela mais abastada. Riscos deste tipo se abrem na atualidade (2020), com um novo projeto de construção de um galpão para a Feira Livre. Apesar da percepção otimista da maior parte dos feirantes e fregueses, como pudemos levantar por meio de aplicação de questionários, persiste, neste caso, o receio de um novo processo de “enobrecimento” da Feira.

Apresentamos evidências de que, sob a verticalidade dos processos dominantes da produção do espaço urbano, a Feira Livre, na rua, abre espaço para a horizontalidade da produção social, coletiva. Constituindo-se um meio para abastecimento urbano, um espaço de encontro, palco de manifestações culturais, artísticas e de reivindicação política, a Feira concentra um potencial crítico que merece destaque. O sentido público que resulta de um conjunto amplo de ações sociais que integram, cotidianamente, este espaço de comercialização, define a Feira como um bem coletivo. Enquanto tal, sua existência, seguramente, tem um significado muito mais amplo do que se pode presumir a partir de uma lógica meramente econômica.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRAUDEL, Fernand. *O jogo das trocas*. Civilização material, economia e capitalismo: século XV-XVIII. São Paulo: Editora WMF/Martins Fonte, 2009.

DA-SILVA, Leisa Robles Borba. *O Mercadão de Três Lagoas: um estudo de caso das transformações urbanas (1970 a 1979)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2008, 108 p.

FREITAS, Carlos Roberto Bastos. *O Mercado Municipal de Campos dos Goytacazes: A sedução persistente de uma instituição pública*. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2006, 167 p.



HUBERMAN, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

KUDLAVICZ, Mieceslau. *Dinâmica agrária e a territorialização do complexo Celulose/papel na microrregião de Três Lagoas/MS*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011, 177 p.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Sobre o modo capitalista de pensar*. São Paulo: Hucitec, 1978.

MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. *O que é o urbano no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2006.

PINTAUDI, Silvana Maria. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. *Revista Cidades*, vol. 3, n. 5, p. 81-100, 2006.

RIBEIRO-SILVA, Cristovão Henrique. *A lógica da territorialização da Indústria: o parque industrial em Três Lagoas - MS de 1990-2010*. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2013, 205 p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2014.

SERPA, Angelo. *O espaço público na cidade contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

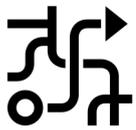
FONTES

AXELSON, Bruno. Grupo faz protesto contra reforma da Previdência em Três Lagoas, MS. 18/03/2017. Disponível em <http://gl.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2017/03/grupo-faz-protesto-contrareforma-da-previdencia-em-tres-lagoas-ms.html>. Acesso em 20/12/2019.

EVELYN SOUZA. Protesto em Três Lagoas termina com vaias na Feira Livre da cidade. 19/06/2013. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/protesto-em-tres-lagoas-termina-com-vaias-em-feira-livre-da-cidade>. Acesso em 20/12/2019.

SIMON, Tatiane. Feira Livre será palco para espetáculo em comemoração ao Dia da Consciência Negra. 20/11/2019. Disponível em <https://www.jpnews.com.br/tres-lagoas/feira-livre-sera-palco-para-apresentacao-teatral-em-comemora/131929/>. Acesso em 20/12/2019.

TRÊS LAGOAS. Projeto da nova feira livre é apresentado aos feirantes. 27/08/2018. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/projeto-da-nova-feira-livre-e-apresentado-aos-feirantes/>. Acesso em 20/12/2018.



TRÊS LAGOAS. SEINTRA retira trilhos para iniciar preparação do terreno onde será construído o galpão da Feira Livre. 01/07/2019. Disponível em: <http://www.treslagoas.ms.gov.br/seintra-retira-trilhos-para-iniciar-preparacao-do-terreno-onde-sera-construido-galpao-da-feira-livre/>. Acesso em 22/12/2019.

Recebido em: 22/12/2019

Aprovado em: 04/02/2020